O Corpo: influências midiáticas e divinas[1]

Leonardo Sá SANTOS[2]
Larissa Leda ROCHA[3]
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar as mudanças do olhar sobre o corpo em diversos períodos históricos, considerando os padrões de beleza física de cada século. A análise é feita com base nos estudos de pesquisadores que se interessaram pelas diversas influências sociais sobre a forma corporal, passando entre os meios de comunicação de massa e o âmbito religioso. Este trabalho é divido em três partes principais, que compilam os conceitos apresentados e defendidos pelos autores, montando, sucintamente, uma proposta de história da padronização do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; beleza; magreza; mulher; beleza; telenovela.

Considerações iniciais

Os artistas do século XVI representavam homens e mulheres atingindo a apoteose, a glória divina concebida através da nobreza de suas virtudes. Em conjunto, a beleza física dos corpos é uma característica retratada constantemente nas telas e esculturas da Europa renascentista, em que o pensamento religioso ainda sobrepujava-se sobre os demais. "A excelência dos traços supõe então a das virtudes: as zonas celestes supõem correspondência e unidade" (VIGARELLO, 2006, p.27).

O belo era considerado um valor tão importante quanto a bondade, um dom exclusivo dos escolhidos de Deus. Como heranças históricas, essas duas características eram rotineiramente associadas, fomentando a visão de beleza física como receptáculo para almas tão belas quanto os corpos que as carregavam.

> Partindo de São Paulo, para quem as coisas sobrenaturais são vistas vistas assim *en aenigmate*, isto é, de forma alusiva e simbólica, infere-se a idéia de que cada ser mundano, animal, planta ou pedra que seja, tem uma significação moral (que nos ensina sobre virtudes e vícios) ou alegórica, ou

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 8º período do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Rádio e TV da UFMA, e-mail: leonardosasantos@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Professora do departamento de Comunicação Social da UFMA, e-mail: larissaleda@gmail.com

> seja, simboliza, através de sua forma ou seus comportamentos, realidades sobrenaturais (ECO, 2004, p. 143).

Uma pessoa considerada bela poderia ser vista como uma portadora de justiça, benevolência e perfeição divina, porque "a beleza não pode ainda escapar das velhas hierarquias espirituais, impermeabilizando terra e céu, sombra e luz, profano e sagrado" (VIGARELLO, 2006, p.27).

Com o passar dos séculos, e apesar da ascensão do pensamento científico, a associação entre beleza e bondade não foi esquecida, sendo assimilada por diversos tipos de narrativas ficcionais. Inúmeros contos de fadas, desenhos animados, livros e filmes mantêm seus antagonistas com aparências desfiguradas, monstruosas e assustadoras, como reflexo de personalidades corrompidas pela maldade. Voldemort, vilão da série literária e cinematográfica "Harry Potter", tem uma aparência tão desumana quanto os nefastos atos que é capaz cometer. Da fantasia para outros gêneros, o mesmo também pode ser notado em produções direcionadas para públicos diferentes e realizados em períodos diversos, como os desfigurados Fred Grueguer e Letherface, de "A Hora do Pesadelo" e "O Massacre da Serra Elétrica"; Esqueleto, de "He-Man"; e Coringa, das histórias em quadrinhos e filmes do Batman.

Divergindo da maior parte das demais categorias ficcionais e do conceito consolidado no Renascimento, o mesmo fenômeno não é corriqueiramente observado nas telenovelas brasileiras, onde a beleza faz parte da natureza dos vilões, em uma sombria combinação entre harmonia estética e nocividade. Suas atitudes são frias, milimetricamente calculadas e perversas, mas seus corpos são sempre belos e cobertos por elegantes figurinos. Citando apenas os cinco últimos antagonistas das novelas[4] das nove da Rede Globo[5], as de maior audiência e repercussão pública, observa-se a ligação estreita entre beleza e maldade. Félix (Mateus Solano), de "Amor à Vida"; Lívia (Claudia Raia), de

[4] Estaremos, neste trabalho, utilizando o termo telenovela e novela indiscriminadamente, mas nos referindo ao mesmo produto: narrativa de ficção seriada brasileira, apresentada de segunda a sábado, em horários pré-determinados, em capítulos que são encadeados em uma única narrativa longa, que se estende por uma média de 200 capítulos.

[5] A Rede Globo de televisão apresenta diariamente, menos aos domingos, três novelas em seu horário nobre: a novela "das seis", a novela "das sete" e a novela "das nove". Esta última é sempre a maior aposta comercial da emissora. De segunda a sexta é apresentada ainda a ficção seriada Malhação, antes da novela "das seis". E dependendo da grade da emissora que está no ar desde 2011 a emissora leva ao ar a novela "das onze", de terça a sexta, com menos capítulos (média de 70) e sendo sempre um remake de alguma ficção já transmitida. A Rede Globo é a emissora de televisão fundada pelo jornalista Roberto Marinho em 1962 e faz parte das Organizações Globo, fundada em 1925, e hoje um conglomerado multimídia que reúne empresas de rádio, televisão, cinema, publicidade, jornais, sites e revistas. Atualmente a Rede Globo cobre mais de 98% do território nacional e tem mais de 90% de produção própria, incluindo mais de 2.500 horas de novelas e programas, um recorde mundial de teledramaturgia.

"Salve Jorge"; Carminha (Adriana Esteves), de "Avenida Brasil"; Tereza Cristina (Christiane Torloni), de "Fina Estampa"; e Clara (Mariana Ximenes), de "Passione" têm características refinadas, bom gosto, estão sempre bem vestidos e possuem harmonia estética na aparência. É perceptível que anormalidades físicas ou falta de beleza raramente são usados como recursos de reflexão da feiura moral dos vilões.

Descobrir o que motiva a combinação entre vilania e atributos ditos belos nas novelas é o objetivo principal do projeto de pesquisa ''Maldade em outra ótica: A feiura moral sob o véu da beleza na narrativa da telenovela'', desenvolvido no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Estudar a história da beleza para compreensão dos padrões utilizados e difundidos pelo sistema midiático é um dos objetivos específicos do trabalho, que também inclui análise dos personagens da telenovela, estudo dos padrões narrativos desse produto audiovisual e compreensão da mudança de olhar sobre a monstruosidade humana. Para o estudo do belo, o plano inclui a catalogação do conteúdo abordado em obras de Umberto Eco e Georges Vigarello, pesquisadores que discorreram sobre as mudanças de olhar sobre essas características.

A primeira fase consiste em levantar as fontes de dados citados pelos autores, além de selecionar o material a ser buscado e lido. O estudo inicia com a análise da construção do corpo na História.

A estrutura do corpo

O final do século XIX apresentou um novo olhar sobre o corpo. O que era mantido sob diversas camadas de tecido foi revelado pelas novas práticas de exibição e divertimento nas praias, durante o período de veraneio. Uma maior preocupação com a estrutura corporal se firmou nessa época, que foi o ambiente ideal para a libertação de antigas hierarquias que definiam as partes mais ou menos importante da construção física humana.

À beira mar, as pessoas começaram a entrar em competição pela excelência física, uma disputa em que cada membro do corpo deveria estar apto a ser mostrado e ganhar destaque entre tantos outros. Braços, busto, rosto, abdome e, a partir de meados de 1850, os glúteos e os outros músculos das pernas passaram a ser alvos de cuidados e de controlada

admiração. "O 'baixo' ganha, etapa por etapa, dos artifícios do alto, o que modifica os critérios do belo físico no fim do século, acentuando a presença dos quadris, o corte mais agudo dos movimentos" (VIGARELLO, 2006, p.117).

Esse foi o período que marcou a ascensão do ligamento entre beleza e atividade física, do corpo exercitado e saudável. Estimular os músculos tornou-se uma prática incentivada, enquanto comodismo o sedentarismo tornaram-se conhecidamente causadores da perda de atributos considerados belos pela sociedade moderna. Escolas européias e norte-americanas passaram a adotar a ginástica em suas atividades regulares, já que muitos de seus benefícios passaram a ser conhecidos, se tornando uma garantia de vigor e equilíbrio estético.

Os novos pensamentos instituídos no século XIX abriu portas para a beleza democrática, que poderia ser atingido pela meritocracia e não pelo destino. Vigarello (2006, p. 104) destaca, "o efeito não é mais o de alguma revelação de Deus, como no século XVI, nem mesmo de alguma revelação de sensibilidade, como no século XVIII, e sim uma revelação de si: consciência de uma interioridade bruscamente ampliada pela beleza".

Portanto, a partir desse período, ser belo torna-se uma conquista particular e não um desígnio para poucos escolhidos. A adequação aos critérios de beleza, embora ainda muito difícil devido à pouca variedade de recursos disponíveis, começa a ser acessível àqueles que se dedicassem. A formulação da ativa beleza contemporânea começa nesse período.

Beleza divina

Essas foram grandes mudanças em relação ao Renascimento, em que apenas as partes altas tinham valor para a beleza social. A arte desse período histórico mostrava corpos nus e simétricos, retratados com perfeição matematicamente construída. Mas, no dia a dia, o corpo belo era bem mais simples, e a hierarquia do corpo só valorizava os componentes corporais acima da cintura, como se fossem mais uma revelação celeste. Mais elevados física e moralmente, tronco, membros superiores e face tinham mais valor porque, na época, possuíam "uma proximidade com a natureza dos anjos. Eles se impõem por sua própria localização: aquela cuja altura permite melhor contemplá-los" (VIGARELLO, 2006, p.18)

Forças divinas eram a motivação para a existência de corpos harmônicos. Diferente dos séculos XIX e XX, a beleza não poderia ser buscada, já que era vista como um dom, e os ideais católicos pronunciavam a destinação dos homens a finalidades específicas. Este pensamento não permitia a mobilidade social, delimitando um servo aos trabalhos servis por toda a vida, assim como alguém considerado feio não poderia tenta tornar-se bonito por ir contra o desejo de Deus. A irmandade entre a beleza e a natureza celeste gera também a ligação entre o belo e a bondade. "Isso conduz mais profundamente ainda à hierarquização das belezas segundo critérios da moralidade: determinar a perfeição estética ligando-a ao Bem" (VIGARELLO, 2006, p.28).

Os tratados de beleza europeus e os comentários escritos sobre os corpos das mulheres, geralmente as nobres, não se debruçavam sobre os músculos inferiores, que eram mantidos escondidos sob armações e tecidos, materiais que lhes garantiam formas abalonadas, dificultando a visualização e até mesmo a imaginação do que se escondia debaixo dos formatos inumanos produzidos pelos vestidos. "Impõem-se, sobretudo, um critério: o do descoberto ou do escondido. Não para destacar algum mistério do escondido, mas para destacar sua abjeção: a existência de zonas aviltadas e zonas enobrecidas" (VIGARELLO, 2006, p.17).

A hierarquia subdividia o corpo em categorias mais ou menos importantes, ligadas à leveza e à elegância, em um jogo que em determinadas partes mereciam zelo e destaque, enquanto as outras eram mantidas apagadas, obliteradas. As pernas serviam apenas para sustentar o que realmente importava. O pudor religioso ajudou a manter o corpo em repouso. O belo era uma dádiva, portanto forçá-lo a se tornar bonito não era bem visto. O trabalho foi motivo de perda de beleza.

Beleza midiatizada

A desmistificação total do corpo acontece apenas no século XX, difundido nas páginas das revistas femininas, como Vogue e Votre Beuté. Esconder as formas transforma-se em uma prática antiquada, quando revelar se torna uma obrigação. As publicações exibiam curvas destacadas por tecidos curtos e colantes, libertadas de estofos, armações e outros materiais que artificializam e escondiam a silhueta feminina até meados do século XIX.

Os padrões de excelência física estavam estampados nas revistas, onde atrizes misses e modelos passaram a ser exemplo, o ideal. Elas exibem o padrão corporal que se

tornou objeto de consumo a partir do começo dos anos de 1920: um perfil retilíneo, alongado, harmônico e repleto de curvas sedutoras. As páginas vendiam que qualquer uma poderia ter um corpo como o de Rita Hayworth e Greta Garbo, que também eram vistas, antes da fama, como qualquer outra mulher. "Nasce uma era em que convergem o sentimento de poder dominar a aparência e o poder de transformá-la em sinal marcante de si individualizado'' (VIGARELLO, 2006, p. 181). Difunde-se a percepção de poder controlar o próprio corpo, moldando-o às necessidades sociais e pessoais.

Na primeira metade do século passado, a beleza tornou-se um artigo massificado pelos meios de comunicação. As pessoas passam a se vestir, se pentear e tentar se parecer como as estrelas das revistas e do cinema, transformando-se em consumidores da beleza midiática. "Eles seguem os ideais de Beleza propostos pelo consumo comercial, aquele contra os quais a arte das vanguardas lutou durante mais de cinqüenta anos" (ECO, 2004, p.418). O cinema, a fábrica de sonhos, transformou-se no criador de vidas e finais perfeitos, assim como de corpos perfeitos difundidos em todo o mundo.

> O ficar fechado no estúdio é a condição primeira de uma remodelação dos corpos em obediência aos cânones de beleza mais padronizada, de uma estetização das aparências para a qual ocorrem, por todos os seus efeitos, as técnicas cinematográficas (iluminação, cenário, e jogo de cores), de um controle dos efeitos e das atitudes que é estabelecido pelos vigilantes e pudicos códigos de censura de ambos os lados do Atlântico. O cinema para o grande público concentra assim a maior parte dos seus meios corporais em torno da fabricação de um glamour padrão, novo horizonte do sonho sensual internacional. (BAEQUE, 2008, p.489)

Concebidas mudas, as projeções tinham a estética impecável como principal fonte de atração para formação de público. O som e as cores são elementos acrescentados para fomentar essa característica. "O cinema jogou com as telas, a luz, os sentidos do espectador, levando longe as expectativas e os desejos do tempo. Serviu o real pelo irreal, projetando suas silhuetas como mensageiras da beleza" (VIGARELLO, 2006, p. 158). Para Baeque (2008, p.486) ''Hollywood nutre seus corpos como artifícios'' e a busca desenfreada pela imagens corporais vistas através nas grandes telas mostra que "O ideal poderia ser domesticado, inacessível e acessível ao mesmo tempo'' (VIGARELLO, 2006, p.162).

A mídia impressa teve papel fundamental da construção desse novo tipo de pensamento. Milhares de leitoras passam a buscar dicas de embelezamento, que ditavam as melhores roupas e maquiagens para serem utilizadas em casa ou durante saídas ao ar livre e, agora, no ambiente de trabalho; exercícios físicos para perca de peso e ganho de massa

muscular, que era uma atividade associada à masculinidade, e textos motivacionais também estavam presentes nas páginas das publicações. Beleza não é sorte, mas uma conquista particular e vendável.

Magreza

Umberto Eco (2004, p.426) destaca: "Os mass media, por sua vez, não apresentam mais nenhum modelo unificado, nenhum ideal de beleza". Os estudos do autor indicam que os veículos midiáticos apresentam um cardápio de corpos belos prontos para o consumo de massa, disponíveis ao alcance de todos.

> Os mass media são totalmente democráticos, oferecem um modelo de Beleza para quem já é dotada de graça aristocrática e outro para a proletária de formas opulentas; a ágil Delia Scala estabelece modelo para quem não pode se adequar à ''avantajada'' Anita Ekberg; para quem não tem a beleza máscula e refinada de Richard Gere, há o fascínio esguio de Al Pacino e a simpatia proletária de Robert De Niro. (ECO, 2004, p. 425)

O historiador, porém, pretere uma padronização: o corpo esbelto. Todas as estrelas citadas por ele eram, no auge da fama, juventude e beleza, pessoas magras. As características ditas belas proliferadas pelos meios de comunicação podem ser diversas, mas sempre com uma estreita ligação com o emagrecimento.

A beleza feminina esteve ligada à verticalidade corporal por muito tempo. Formas alargadas ou redondas em demasia eram escondidas pela compressão de espartilhos e corpetes, que eram produzidos para deixar a mulher mais delgada. O século XX marcou o abandono do físico ''espartilhado'', porém manteve o padrão vertical como o ideal para o corpo. As mulheres nunca precisaram ser tão magras.

O perfil mais descoberto a partir da década de 1920 exigiu naturalmente mais preocupações com o que o que passou a ser exposto por decotes e fendas. Em 1929, Votre Beauté aconselhava o peso de 60kg para uma mulher de 1,60m. Uma década depois, em 1939, uma leitora de mesma altura era aconselhada a pesar 8,5kg a menos: 51,5kg. Já a miss América de 1921 tinha o índice de massa corporal (IMC) avaliado em 21,2, enquanto a de 1940 tinha 19,5. Os números confirmam o quanto o peso foi aceleradamente reduzido nas últimas décadas e como as novas medidas passaram a exigir. A Marie Claire, em 1935, indicava uma silhueta de pontuação 85, mas, já no ano seguinte, o ideal era apenas 60. "Isso enseja a extensão do espetáculo da sociedade do século XX pela imprensa e suas redes"

(VIGARELLO, 2006, p. 155). O corpo é transferido da esfera privada para a pública, participando de um rotineiro concurso de beleza nas passarelas e na vida cotidiana.

O século passado também consolidou o que já era difundido no século XIX: o belo é atingível. As revistas ajudaram a massificar uma espécie de pedagogia corporal, ditando regras e incentivando as leitoras a terem as longas pernas e cinturas finas vistas das grandes telas. As mulheres, agitadas com a vida familiar e a nova rotina de trabalho, recebiam dicas de como se vestir, como se comportar e maneiras de se livrar da adiposidade a mais nos quadris e da flacidez do abdome. Extinguem-se os conceitos que ligavam a beleza e o sedentarismo, do século XVI, e instituiu-se a prática de atividades físicas como colaboradoras de um corpo belo. A preocupação contemporânea com o que antes era ignorado pelos tratados de beleza também pode ser confirmada em 1924, quando a celulite finalmente foi registrada cientificamente, e foi declarada inimiga número um da beleza feminina pela Vogue poucos anos depois.

Ao lado dos meios de comunicação de massa, a medicina também tornou-se uma grande influência do corpo magro. O acúmulo de gordura em diversas partes do corpo, como aponta descobertas das últimas décadas, é mais que o embaçamento de características ditas belas, mas também um agravante de problemas na qualidade de vida.

> Escolhido como ‘’elemento primordial da beleza feminina’’, o peso, mais que nunca, foi também escolhido como índice de saúde. O excesso de peso seria perigoso: curvas de mortalidade e curvas de quilos se cruzam para realçar os riscos sanitários implicados pela ‘’gordura’’ (VIGARELLO, 2006, p.152).

As revistas, claro, não poderiam ficar sem divulgar os dados médicos, dividindo mulheres em magras, normais e gordas. As com peso mais elevados tinham quatro vezes mais chances de desenvolver cardiopatias, hepatopatias, diabetes e apoplexia. Há uma corrida pela adequação pelo bem estar representando na harmonia de um belo corpo emagrecido.

Emagrecimento

Diferente da beleza social feminina, a do homem nem sempre precisou ser verticalizada. A gordura e a largura provocada por ela já foram um sinônimo de poder, riqueza e dominação na competitiva sociedade nobre. O declínio total desse conceito começou no século XIX, com o surgimento da beleza romântica.

A nova vanguarda continuou ligando a beleza masculina com o domínio, o temor e a força, como foi comum durante os períodos históricos anteriores, contudo, o homem passou a assimilar a doçura e a serenidade, características antes associadas apenas à feminilidade. Cada vez mais os dois polos humanos se hibridizam. "O masculino, como nunca no começo do século XIX, pode partilhar com o feminino alguns velhos critérios de beleza" (VIGARELLO, 2006, p.115). Esse foi o período em que o másculo tornou-se uma mistura de virilidade e graciosidade, elegância e delicadeza, passando por uma grande revolução em comparação aos antigos padrões. Visualmente, as silhuetas do homem, as que eram consideradas bonitas, se tornaram cada vez menos largas, mais leves, cinturas finas e barrigas mais apertadas por cintos. A magreza, ou a falta de gordura no corpo, são cada vez mais indispensáveis para a figura masculina.

Apesar da maior preocupação com as particularidades da aparência do homem, a mulher continua sendo mais citada como representantes da excelência física. Como as praias ajudaram a evocar mais as partes baixas, cuidados de beleza em todo o corpo passam a ser constantes. "A arte de embelezar se expandiu, como se expandiu igualmente o olhar projetado para a beleza. Aparelhos modeladores se destinam às pernas, às costas, aos seios; os roletes percorrem o corpo" (VIGARELLO, 2006, p.133).

Medições por quilos, fitas métricas e balanças eram pouco usadas para a medição de adiposidade e a necessidade de magreza não era tão enfática quanto a das modelos de passarela de hoje, mas a preocupação já tinha expressividade. Surgem tratamentos com eletrodos, raios de luz, hidroterapia, massagens, elixires e vários outros recursos para evitar o ''desabamento'' das carnes. Manter os músculos no lugar, retesados, era uma obrigação para as mulheres. Apenas para as belas.

O que os séculos XIX e XX exigem sobre a magreza é uma consolidação do que era apenas um sopro durante o Renascimento, em que a verticalidade corporal era cobrada, todavia os meios de atingi-la eram muito pouco relatados nos tratados beleza. A ascensão do uso de espartilhos e corpetes para estreitar e alongar as formas do corpo são alguns dos poucos recursos disponíveis e realmente utilizados para esses fins na época.

O corpo magro ganha mais força no século XVII, quando os perfis mais largos, esféricos e pesados eram ligados às mulheres das camadas mais populares, enquanto os as formas mais esguias eram associados às filhas da burguesia. As aldeãs podiam aproveitar a

liberdade de movimentação das carnes, enquanto os bustos das senhoras ditas "de qualidade" eram sempre afinados e geometrizados pela pressão do espartilhamento.

> O espartilho se alongou com o século, emagrecendo as costas, abaixando o torso, elevando o tronco: invólucro tanto mais linear como se quer mais aparente. Ser bela supõe um trabalho orientado sobre as morfologias: "A beleza descurada, natural, é impensável nesse universo da aparência". A verticaidade apertada se tornou uma obrigação. (VIGARELLO, 2006, p. 65)

O uso do espatilho foi muito criticado por gerar pressão sobre os pulmões e dificultar a passagem do ar pelas vias aéreas, levando mulheres à asfixia ou até à morte. Mas a opinião de médicos e pessoas contrárias ao uso do artifício não foi suficiente para acabar com os bustos afuselados pela tensão muscular. Durante o Iluminismo, no século XVIII, a peça foi extinta do vestuário infantil, porém houve uma maior adesão entre as mulheres adultas, mas com um diferencial: "A beleza exigia partes mais móveis e movimentos mais rápidos" (VIGARELLO, 2006, p. 70). O espartilho surge em diversos modelos e materiais pouco pesados, como tafetá e feltro, permitindo cada vez mais comodidade e leveza para a mulher burguesa. O conforto era uma das metas da consolidada pela burguesia, o que prontamente aplicado nas roupas.

É apenas no século XX, com a consolidação da liberdade feminina, que as mulheres abandonam as silhuetas moldada pelos espartilhos. Cuidar do lar, da própria aparência e da carreira profissional exigiu a real mobilidade cotidiana. O acessório ficou absoleto, sendo posto é um hall de tortura contra o corpo, não de beleza.

Métodos de beleza – Cirurgia Plástica

A mídia cria um simulacro do mundo contemporâneo, um reconstrução artificial do cotidiano onde todos precisam ser belos. A representação simulacral não prende-se apenas aos seus meios de veiculação, e refletem no competitivo campo social, uma esfera em que a aparência corporal já tem uma forte influência nas interações e na construção da identidade. Os meios de comunicação acrescentam elementos cada vez mais exigentes de padronização corporal, deixando a competição social ainda mais acirrada. A TV, por exemplo, respira a beleza, transformando atores, atrizes, modelos e celebridades instantâneas bonitos em ímãs que atraem o público para os produtos audiovisuais veiculados. Na união dos dois mundos, as cirurgias plásticas, reparadoras ou estéticas, são a nova apoteose do corpo. Esse também

é um dos recursos mais invasivos e potencialmente agressivos para o alcance da harmonia física, mas a glorificação de ter um perfil nas demandas dos mercados vale qualquer esforço.

Não por coincidência, a beleza foi democratizada no século XX, o mesmo período em que os procedimentos cirúrgicos de beleza. Uma combinação que abriu as portas para que as características ditas belas possam ser um material de consumo de massa, um produto financiável em diversas parcelas. No Renascimento apenas Deus poderia dar a beleza, mas, agora, o mesmo pode ser adquirido com um cartão de crédito e um cirurgião.

A aparência das celebridades é uma janela de consumo aberta. Os lábios grossos de Angelina Jolie ou nariz pequeno e arrebitado de Nicole Kidman podem ser alcançados facilmente em uma sala de cirurgia, mesmo que o resultado não seja o esperado. O cirurgião não faz apenas correções, pois trabalha com significações construídas por anseios individuais influenciados pela rede de códigos da cultura *pop*.

Ele [o cirurgião] diz se pôr a serviço do indivíduo, atender seus propósitos, acompanhar seu desejo: o "fantasma interior que, no sonho de cada um, corresponde à sua imagem ideal". A beleza existiria então nos traços mais subjetivos desejados efeito estético vindo de um sonho íntimo (VIGARELLO, 2006, p. 183).

A busca pela "imagem ideal" ou o medo do "fantasma anterior" podem se intensificar, gerando um jogo de satisfações efêmeras e uma longa busca pela perfeição. Mesmo com a influência midiática sobre as atitudes estéticas, Vigarello (2006, p. 183) ressalta que elas podem "criar um corpo, materializar a parte mais profunda de si". Apesar da possível revelação da natureza da alma, há a própria identidade que pode ser subjulgada por uma fantasia.

Registro do encontro entre o estadosunidense Justin Jedlica e a ucraniana Valeria Lukyanova, conhecidos como Ken e Barbie humanos. Imagem colhida no portal R7, disponível no link *http://noticias.r7.com/esquisitices/fotos/barbie-ucraniana-conhece-ken-humano-pessoalmente-veja-fotos-28012013#!/foto/1*

Enquanto a cirurgia plástica se desenvolvia por causa dos campos das Grandes Guerras, a primeira metade do século XX também foi marcada pela difusão das vanguardas artísticas. Surrealismo, dadaísmo, cubismo e outros movimentos não se preocupavam com a representação das linhas corporais humanas fielmente. As artes plásticas incitavam a interpretação de variadas maneiras de representar a beleza. "A arte já não se propõe fornecer uma imagem da Beleza natural nem quer proporcionar o pacificado prazer da contemplação de formas harmônicas. Ao contrário, deseja ensinar a interpretar o mundo com olhos diversos" (ECO, 2004, p. 415).

Mas no cotidiano, para a beleza diária, o mundo se tornou alheio às tendências lançadas por artistas como Picasso e voltou o olhar para a padronização da natureza coberta por recursos artificiais de embelezamento, como as intervenções plásticas no corpo. Mesmo considerado um recurso caro até os dias atuais, que estava nas fotografias publicitárias e concursos de beleza tornam-se uma possibilidade graças às cirurgias voluntárias.

Maquiagem

Assim como o corpo, finalizar a beleza com pigmentos naturais ou artificiais também migrou do âmbito religioso ao consumo massivo. Ao usar esse tipo de artifício, no

Renascimento, as mulheres poderiam ser ridicularizadas socialmente ou taxadas como hereges. Maquiar-se poderia ser uma afronta às ordens celestes, já que "A beleza não poderia ser buscada, pois é dada por Deus." (VIGARELLO, 2006, p.38). Metais pesados, como o chumbo, faziam parte de composições das maquiagens já século XVI, tendo o uso mais comum, não exclusivo, entre as cortesãs que buscavam a brancura angelical exigida pelos padrões renascentistas.

O objetivo principal era atingir um tom de branco perfeito, escondendo qualquer sinal de bronzeamento ou tez morena, características que não eram bem vindas na estrutura do corpo. A saúde da pele era trocada pelo efeito alvo, já que o chumbo, o mercúrio e outros elementos químicos usados nas maquiagens corroíam a pele. Como garantia de palidez necessária sem danos à pele, leite, raízes, minerais e até sanguessugas eram usados.

Seguindo o modelo da estrutura do corpo, os métodos de evitar o escurecimento, manchas, aspereza ou fissuras só eram usados para as partes altas do corpo, nada era utilizado para os quadris ou as pernas, que eram mantidos ocultados sobre as roupas. Apenas as partes mais visíveis, sobretudo o rosto, eram mais lembradas na hora do embelezamento de mulheres de todas as classes sociais, já que o poder cosmético poderia ser extraído tanto de plantas facilmente encontradas na natureza, quanto em pó de pedras preciosas ou folhas de ouro.

Hoje, a maquiagem é presente no cotidiano do universo feminino. Livre de preconceitos do passado, sombra, base, corretivo e blush são uma garantia e beleza e saúde da pele, já que muitas proteção contra raios ultravioletas e ativos que combatem acnes. Em vários preços e armazenadas em pequenos recipientes, esses produtos atendem à frenética vida contemporânea, que exige praticidade e retoques pontuais. Para Viggarello (2006, p. 174), ‘’a consequência é um desenvolvimento das práticas estéticas a uma escala desconhecida até então. A massificação revolucionou as aparências.’’

Há uma exigência uniformizada com relação à boa aparência. Existem peles distintas, das mais escuras às mais claras, e a beleza de cada uma é destacada pelo uso da maquiagem correta. Apesar da diversidade, a correção do imperfeito é sempre indicada como o ideal.

Considerações finais

O corpos são mais que mecanismos físicos, eles também se consolidam como fortes recursos sociais, influenciando e sendo influenciados pelas interações humanas. As formas "ideais" podem ser alteradas a cada geração, mas o que realmente muda é o olhar lançado sobre o corpo construído pelas particularidades do desenvolvimento de cada período histórico.

Muito associada à moda, a beleza também é fruto de quebras de antigas regras culturais e aplicação de novas. O belo é um efeito de conflitos de gêneros e gerações e os indícios do que é considerado perfeição física são tão mutáveis quanto modelos de vestidos, roupas e cores de maquiagens. Passando de um dom divino à uma aquisição meritocrática, influenciável pela sociedade ou pela mídia, a beleza é um dos pilares dos prazeres e esforços da humanidade.

Já consolidados nas revistas e nas salas de cinema durante a primeira metade do século anterior, os padrões físicos contemporâneos ganharam uma nova tela de difusão ao migrarem para a TV. Os estudos sobre a história da beleza do projeto ''Maldade em outra ótica: A feiura moral sob o véu da beleza na narrativa da telenovela'' seguem para uma segunda etapa: identificar como os padrões de beleza desenvolvidos ao longo de tantos séculos ajudaram a influenciar os produtos televisuais, especificamente na construção de antagonistas do principal produto da teledramaturgia nacional.

Referências

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ECO, Umberto. **História da beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

BAECQUE, Antoine de. "Telas: O corpo no cinema" In COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História do Corpo**: As mutações do olhar: o século XX. Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.